

AUTO-POÉTICA ANCESTRAL COMO PROPOSTA DE PRÁTICA METODOLÓGICA¹

MARÍLIA CLAUDIA FAVRETO SINÃNI¹; ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – profmariliasinani@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um recorte do projeto de dissertação intitulado “Educação estética libertadora e decolonial: (re)existências em Abya Yala”, que apresenta a *auto-poética ancestral* como proposta de prática metodológica de pesquisa na área da educação. Essa proposta traz reflexões acerca da importância da decolonização do olhar na formação acadêmica e docente a partir do pensar por imagens e da escrita poética na pesquisa. Identificando as contradições expressas na realidade concreta a partir da colonialidade do ser, saber e sentir (QUIJÁNO, 2010; MIGNOLO, 2015; MIGNOLO & GÓMEZ, 2012) ainda presentes no campo epistêmico, como traçar caminhos para a desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008) e a desobediência docente (SANTOS-MOURA, 2019) na ação de fazer pesquisa? Seria a pesquisa também uma ação de criação?

Pensar a *auto-poética ancestral* como prática reflexiva e metodológica na pesquisa traz desafios porque estamos habituados a ver o texto como única bibliografia no meio acadêmico, mas abre possibilidades para vermos que o conhecimento não está apenas nos códigos alfanuméricos ou nos textos escritos, também se faz presente nas outras textualidades e visualidades criadoras de realidade, nas plurais e heterogêneas construções poéticas que representam a realidade em que vivemos. Fundamentado a partir do diálogo entre práticas reflexivas metodológicas como a auto-mediação (PEREIRA, 2018), a Sociologia da Imagem (RIVERA-CUSICÁNQUI, 2015) e os Archivos Caminantes (MOLINARI, 2020), propõe a escrita de si a partir do local de inserção da/o pesquisadora/r, considera as imagens como fontes bibliográficas e valoriza o pensamento ancestral na construção da pesquisa em educação. Considera que antes de sermos educadoras/es, também fomos educandas/os e, nesse processo formativo, nos construímos enquanto seres sociais com base em nossas experiências de mundo que estão presentes na ação de pesquisar. Apesar dos desafios, a *auto-poética ancestral* é um conceito aberto para discussões e vem sendo construído como uma metodologia alternativa de perspectiva decolonial no campo da educação.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é parte da pesquisa de mestrado que realizo no Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas, na qual investigo as possibilidades e os desafios encontrados ao traçar caminhos para uma educação estética decolonial. Apresento aqui o recorte da pesquisa que propõe a

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

prática reflexiva metodológica *auto-poética ancestral* que possui caráter qualitativo e vem sendo construída a partir da revisão de literatura, do pensar a pesquisa através da visualidade e da escrita de si numa perspectiva decolonial, considerando que no processo de produção da pesquisa a subjetividade e a objetividade são indissociáveis.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a instauração da colonialidade do ser, saber e sentir, apontada por Mignolo (2012), a modernidade/colonialidade instaurou-se criando uma hierarquia entre os grupos humanos, colonizando os campos ontológicos e epistemológicos.

La diferencia colonial actúa convirtiendo las diferencias en valores y estableciendo una jerarquía de seres humanos, ontológicamente y epistémicamente. Ontológicamente, se presupone que hay seres humanos inferiores; epistémicamente, se presupone que los seres humanos inferiores son deficientes tanto racional como estéticamente. (MIGNOLO, 2015, p. 41).

Essa produção de diferenças cria dicotomias que separam os indivíduos em inferiores e superiores, revelando contradições que precisam ser superadas no campo epistêmico porque trazem desafios para a pesquisa em educação como, por exemplo, o fato de que a racionalidade é considerada uma faculdade superior a qualquer outra, ou a existência de conceitos modernos e eurocentrados enraizados no campo epistêmico que são perpetuados nos processos de pesquisa. Para Mignolo (2008, p. 291) a razão imperial afirmou uma identidade superior e produziu exterioridades ao “construir construtos inferiores (raciais, nacionais, religiosos, sexuais, de gênero), e de expeli-los para fora da esfera normativa do ‘real’”. A nossa realidade concreta é atravessada por narrativas que a constroem e nos condicionam a seguir um pensamento “universal” vertical colonial que vê os objetos e as pessoas como coisas e sujeitos acabados, não como algo em construção (FREIRE, 2013). Seja em nossa formação acadêmica ou docente, esse pensamento hegemônico nos acompanha e se estende ao campo da pesquisa, fazendo com que nós pesquisadoras/es, principalmente na área da arte-educação, encontremos desafios em adotar uma metodologia que não perpetue o olhar colonial e dialogue com as nossas experiências sócio culturais que também nos estruturam referencialmente.

Como forma de questionar as narrativas modernas que nos levam a ver a nossa história a partir do olhar colonizador que sustenta hoje o capitalismo de matriz civilizatória colonial, Mignolo (2008) nos convida a superar essa cosmologia do moderno através da desobediência epistêmica e Santos-Moura (2019) através da desobediência docente. Mas como? Dialogando essas práticas de desobediência, a proposta de prática metodológica *auto-poética ancestral* é construída como uma prática decolonizadora metodológica que valoriza a escrita de si e vê a pesquisa como uma ação de criação capaz de abrir caminhos que dialoguem com a subjetividade e a objetividade. Nós, enquanto seres sociais que experienciam o mundo, partimos de nosso local de inserção (FREIRE, 2013) e de nossos processos de formação e prática docente ao produzirmos a pesquisa. A *auto-poética ancestral* é uma proposta construída a partir de outras práticas reflexivas de pesquisa que, num dado momento, dialogam entre si como a auto-mediação (PEREIRA, 2018), a sociologia da imagem (RIVERA-CUSICÁNQUI, 2015) e os Archivos

Caminantes (MOLINARI, 2020). Para Pereira (2018) a auto-mediação atua também como uma auto pesquisa e vê a escrita de si como um exercício organizacional da subjetividade no processo de pesquisa e reconhece que o mundo está cada vez mais interconectado, portanto, a ação de pesquisar pode ser construída por discursos, imagens ou experiências. A Sociologia da Imagem, proposta por Rivera-Cusicanqui (2015), reconhece que a ancestralidade pode estar presentes na ação de pesquisar porque dá voz própria a pesquisadora/r que escreve a pesquisa e acredita na potência da imagem como fonte bibliográfica porque produz discursos e representam os diferentes olhares sobre o mundo. O arquivo caminante praticado por Molinari (2020) considera que as imagens são fontes bibliográficas na pesquisa, sejam elas produzidas pela/o pesquisadora/r ou resultado de investigações em arquivos ou caminhadas. O autor traz o conceito de documentos expandidos para propor que as imagens nos constroem enquanto sujeitos, portanto, acredita na busca na materialidade formas de rastrear nas imagens do passado os acontecimentos históricos e reinterpreta-los para ativá-lo desde o presente.

Pensando o diálogo entre essas práticas na fundamentação da *auto-poética ancestral*, a auto-mediação (PEREIRA, 2018) abre caminhos para pensar a escrita de si, valorizando nossos corpos e experiências de mundo na criação da pesquisa. A Sociologia da Imagem (RIVERA-CUSICÁNQUI, 2015) nos convida a pensar a partir de imagens na construção do conhecimento e na pesquisa, sem a necessidade de separar os saberes ancestrais dos saberes científicos. Os Archivos Caminantes (MOLINARI, 2020) nos levam a valorizar nossas experiências na ação de pesquisar e organizar os processos de curadoria. Portanto, a *auto-poética ancestral* trata-se de uma proposta metodológica, teórica, estética, política e ética que produz maior organicidade nas relações entre razão crítica, sensibilidade e auto-conhecimento no campo da educação.

4. CONCLUSÕES

Acredita-se na potência da *auto-poética ancestral* como proposta metodológica porque quando escrevemos sobre nós, estamos recusando o silêncio secular que nos foi imposto e abrindo espaço para o diálogo entre as feridas coloniais abertas presentes nas experiências de nós educadoras/es pesquisadoras/es e das/os educandas/os pesquisadas/os em seus locais de inserção. A auto-mediação, a Sociologia da Imagem e os Archivos Caminantes traçam caminhos para a decolonização do campo epistêmico a partir da ação de pesquisar, mas se forem dialogadas entre si, são capazes de criar uma prática metodológica decolonizadora como a *auto-poética ancestral* que apresentamos e fundamentamos aqui. É um convite para criar através de ações poéticas na pesquisa, é partir do seu local de inserção para interpretar e desvelar o mundo, é não separar o pensamento ancestral do pensamento científico e observar que ambos são saberes epistêmicos, apesar das tentativas de silenciamento. Trata-se de compreender o que não somos, para descobrir aquilo que somos.

O pensar por imagens é uma ação importante porque, se observarmos o contexto da pandemia, veremos que as imagens, estáticas ou em movimento, estão sendo cada vez mais produzidas e nos atravessam a todo momento, evidenciando a sua potência enquanto instrumento de conhecimento. Nesse sentido, a *auto-poética ancestral* vê as imagens como fontes bibliográficas de pesquisa, mas não é um conceito fechado, está em construção e por isso considera as demais construções poéticas sobre a realidade. Apesar dos desafios, contribui para a

desobediência epistêmica e docente aos padrões que nos limitam em ver a pesquisa como uma ação de criação que dialoga com as experiências heterogêneas de mundo e é por isso que eu acredito que o diálogo com a/o leitora/or no processo de criação da pesquisa ressalta a importância de interconexão de nossas plurivivências para que possamos abrir caminhos para ver a construção de conhecimento de forma coletiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- MIGNOLO, Walter. **Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad** (antología, 1999-1014) Barcelona: CIDOB, 2015.
- MIGNOLO, Walter; GÓMEZ, Pedro Pablo. **Estéticas y opción decolonial**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, no 34, p. 287-324, 2008.
- MOLINARI, Eduardo. El manto tóxico. In. MERLINSKY, M. G.; SERAFINI, P. **Arte y ecología política**. Buenos Aires: CLACSO, 2020. p. 43-57.
- PEREIRA, D. A. Escritas de si – sobre alteridades e mediações. **Revista de Literatura, História e Memória**, Unioeste, Cascavel, v. 14, n. 23, p. 43-57, 2018.
- QUIJÁNO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Cortez: São Paulo, 2010.
- RIVERA-CUSICÁNQUI, Silvia. **Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.
- SANTOS MOURA, E. J. Des/obediência docente na de/colonialidade da arte/educação na América Latina. Porto Alegre: **Revista GEARTE**, v. 6, n. 2, p. 313- 325, mai./ago., 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92905/53216>>. Acesso em 22 jul. 2022.